

# 5 f h] [ c g

---

Afirmava o Papa Pio XII que tudo se reflete nos olhos: não só o mundo visível, mas também as paixões da alma. “Mesmo um observador superficial”, dizia o Pontífice, “descobre neles os mais variados sentimentos: cólera, medo, ódio, afeto, alegria, confiança ou serenidade”.<sup>1</sup>

Com efeito, quando duas pessoas conhecidas se encontram na rua e se cumprimentam, basta se fitarem para saber



como o outro se encontra. E, se um deles perceber indícios de estar o amigo passando por dificuldades, procurará em seguida ajudá-lo. Pois, em certas circunstâncias, um olhar revela mais do que mil eloquentes palavras.

Ora, se tanta profundidade há no olhar das meras criaturas, o que dizer do Homem-Deus?

Dos olhos de nosso Salvador, diz São Jerônimo, “irradiava um como que fogo celestial e em sua face brilhava a majestade da divindade”.<sup>2</sup> Eles eram, com certeza, riquíssimos em expressão, brilho e até colorido, transmitindo ao interlocutor uma inesgotável torrente de imponderáveis, cuja fonte só podia ser divina.

O olhar de Jesus, escreve Plínio Corrêa de Oliveira, era “muito sereno,  
%#

# 5 f h] [ c g

---

quase aveludado... No fundo, porém, revelando uma sabedoria, retidão, firmeza e força que nos encham ao mesmo tempo de encanto e de confiança”.<sup>3</sup>

Ora, transcorridos mais de dois mil anos desde que Cristo iluminara a Terra com sua presença, ter-se-á fechado definitivamente para nós a possibilidade de contemplar aqueles olhos que fitavam cheios de amor os seus coetâneos, convidando-os a penetrar nos abismos de seu Sacratíssimo Coração?

Cada povo tende a considerar a figura humana de Nosso Senhor de acordo com a própria vocação. Assim, o espírito sereno, despretensioso e acolhedor do povo português leva-o a notar em Jesus especialmente sua paternal solicitude e afeto.

No país do qual o Brasil herdou a Fé, raras são as imagens do Redentor que manifestam a cólera divina ou aquela forma de dor lancinante, tão habitual nos crucificados e Nazarenos da vizinha Espanha. As pinturas e esculturas portuguesas, ainda que representem uma cena da Paixão, refletem sempre a doçura e paciência com que Jesus aceitou os maiores tormentos para nos salvar. E esse é justamente o traço que mais impressiona na imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres venerada na ilha São Miguel, do arquipélago dos Açores.

Esculpida há três séculos, ela representa o momento em que Nosso Senhor, com as faces marcadas pelos maus tratos dos soldados romanos, era apresentado por Pilatos a um populacho que gritava: “Crucifica-O! Crucifica-O!” (Jo 19, 6).

Aos que desta imagem se aproximam, comove-lhes especialmente seu olhar, porque a expressão desse Ecce Homo reflete uma bondade e desejo de perdoar inefáveis, e convida até os mais empedernidos pecadores a se beneficiarem do manancial da misericórdia divina.

Os olhos do Santo Cristo dos Milagres não evocam tanto o Jesus onipotente que multiplicou os pães e os peixes ou atemorizou os vendilhões do templo, mas Aquele que, no início de sua agonia, pedia a companhia de Pedro, João e Tiago, por estar sentindo uma tristeza mortal (cf. Mt 26, 38). Através dessa imagem, Nosso Senhor mostra à

&#

# 5 f h] [ c g

---

almas o que lhes falta para serem puras, enquanto lhes suplica que deixem de ferir sua Sagrada Face com pecados e imperfeições.

Diante de tanta bondade, a alma lusitana, como a de todos os filhos da Santa Igreja, é convidada a permanecer unida ao Coração Divino, aconteça o que acontecer. Lembrando que, embora às vezes possa parecer distante, Jesus sofreu por nós ao ponto de Se julgar abandonado pelo Pai no alto da Cruz, para nos obter a salvação. (Por Raphaela Nogueira Thomaz)

---

1 PIO XII. Alocução, 12/06/1954.

2 SÃO JERÔNIMO. In Matth., L.III, c.21, vers.15, B166: ML 26, 152.

3 CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. O sacrossanto olhar de Jesus. In: Dr. Plinio. São Paulo. Ano VII. N.70 (Jan., 2004); p.19.

' #